

Alcorão: uma leitura sobre as particularidades do livro sagrado dos muçulmanos, a *Sunna*, o profeta Muḥammad e os pilares fundamentais do Islã

Sálua Omais¹

Manoel Antônio dos Santos²

Resumo:

A expansão do Islã ao redor do mundo e o aumento significativo de adeptos no Ocidente têm ampliado a necessidade de maior aprofundamento sobre o tema. Neste estudo teórico-reflexivo traçamos uma breve visão panorâmica desde a origem do Islã até os dias atuais e discorremos sobre algumas particularidades do Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos, e os principais elementos da doutrina islâmica, com base na missão profética de Muhammad. O percurso metodológico utilizado para o desenvolvimento do estudo foi a pesquisa bibliográfica. Pontuamos que o Islã representa a última das religiões abraâmicas, cuja doutrina foi compilada no Alcorão e sua compreensão deve ser complementada pela *Sunna*. Com base nessas considerações, concluímos que o texto sagrado não contém somente dogmas ou rituais, mas também agrega orientações para os adeptos que abrangem as mais diversas esferas do conhecimento, exercendo assim influência direta sobre a vida dos muçulmanos.

Palavras-chave: Islã; Alcorão; muçulmanos; islamismo, religião.

Quran: a reading on the particularities of the Muslims' Holy Book, the Sunna, the prophet Muhammad, and the fundamental pillars of Islam

Abstract:

The expansion of Islam throughout the world and the significant increase of followers in the West have increased the need to study the subject in depth. In this theoretical-reflexive study, we outline a brief overview from the origin of Islam to the present day and discuss some particularities of the Quran, the holy book of Muslims, and the main elements of Islamic doctrine, based on the prophetic mission of Muhammad. The methodological route used for the development of the study was bibliographical research. We point out that Islam represents the last of the Abrahamic religions, whose doctrine was compiled in the Koran and its understanding must be complemented by the *Sunna*. Based on these considerations, we conclude that the sacred text does not only contain dogmas or rituals, but also adds guidelines for the followers that cover the most diverse spheres of knowledge, thus exerting a direct influence on Muslim life.

Keywords: Islam; Quran; Muslims; Islamism, religion.

Corán: una lectura sobre las particularidades del libro sagrado de los musulmanes, la Sunna, el profeta Mahoma y los pilares fundamentales del Islam

Resumen:

La expansión del Islam por el mundo y el significativo aumento de adeptos en Occidente han incrementado la necesidad de profundizar en el estudio del tema. En este estudio teórico-reflexivo, esbozamos una breve panorámica desde el origen del Islam hasta nuestros días y discutimos algunas particularidades del Corán, libro sagrado de los musulmanes, y los principales elementos de la doctrina islámica, basada en la misión profética de Mahoma. La vía metodológica utilizada para el desarrollo del estudio fue la investigación bibliográfica. Señalamos que el Islam representa la última de las religiones abrahámicas, cuya doctrina fue recopilada en el Corán y su comprensión debe complementarse con la *Sunna*. Con base en estas consideraciones, concluimos que el texto sagrado no solo contiene dogmas o rituales, sino que agrega pautas para los adherentes que abarcan las más diversas esferas del conocimiento, ejerciendo así una influencia directa en la

Alcorão: uma leitura sobre as particularidades do livro sagrado dos muçulmanos, a Sunna, o profeta Muhammad e os pilares fundamentais do Islã

vida de los musulmanes.

Palabras clave: Islam; Corán; musulmanes; islamismo, religión.

Introdução

A palavra Alcorão, em árabe, significa “recitação” ou “leitura por excelência” (Hayek, 2019). Assim é nomeado o livro sagrado dos muçulmanos, como uma mensagem revelada por Deus por intermédio do anjo Gabriel ao profeta Muhammad, dando origem ao Islã. Originalmente revelado na língua árabe há mais de 1.400 anos, demandou 23 anos até ser totalmente concluído. O Alcorão é considerado uma fonte de autoridade para a comunidade muçulmana, que cresceu e se expandiu em torno dos ensinamentos reunidos. Trata-se de um livro *sui generis*, que contém não apenas prescrições relacionadas a rituais e crenças religiosas, como também agrega orientações de vida para os adeptos do Islã.

Por essa razão o livro divino dos muçulmanos é consagrado como um código de vida, com preceitos sobre ética, comportamento, caráter, saúde, justiça, família e relações sociais, políticas e econômicas, direitos humanos, relações com outros países e religiões, questões ligadas ao bem-estar material e espiritual, normas relacionadas ao matrimônio, ao comércio, à herança e à gestão dos bens. Por ter tamanho alcance na vida dos fiéis, com prescrições de conduta que abrangem as mais diversas esferas, o Alcorão é considerado um estilo de vida, e não somente um livro religioso (Hathout, 2014).

O crescimento significativo dos seguidores do Islã no Ocidente, juntamente com o grande número de adeptos ao redor do globo, o qual já ultrapassa 25% da população mundial (Muslim population by country, 2023), tem despertado, nos últimos anos, um crescente interesse na compreensão da religião islâmica. Durante muito tempo, e isso persiste ainda hoje, é vista erroneamente como uma religião praticada exclusivamente por povos árabes. Diversos estereótipos e visões distorcidas foram associados à imagem do Islã e dos muçulmanos no decorrer da história, em razão de disputas territoriais, tensões geopolíticas e os consequentes movimentos de resistência contra o colonialismo e hegemonia ocidental que, por sua vez, serviram de base para a construção e propagação de distorções

e representações negativas pelos meios de comunicação (Omais, Santos, 2024). Além de restringir a divulgação da maior parte das informações relacionadas ao Islã às notícias de eventos trágicos, o sensacionalismo da mídia contribuiu para a disseminação de narrativas ocidentais que distorcem, descaracterizam e estigmatizam os muçulmanos e deslegitimam as interpretações das fontes islâmicas (Montenegro, 2002; Said, 2011).

A presença da comunidade islâmica em todos os continentes, aliada ao número significativo e crescente de adeptos do Islã ao redor do mundo, torna necessário investir em uma compreensão mais aprofundada e precisa da doutrina, bem como dos hábitos, costumes e comportamentos enraizados nas tradições religiosas. Considerando a relevância da temática e a escassez de estudos em língua portuguesa dedicados especificamente à análise do valor simbólico e cultural do Alcorão, este estudo teórico-reflexivo tem como objetivo traçar uma visão panorâmica, desde a origem do Islã até os dias atuais, e discorrer sobre algumas particularidades do livro sagrado dos muçulmanos e sobre os principais elementos da doutrina islâmica, com base na missão profética de Muhammad.

○ Islã: origens e conceitos

Proveniente da região da península arábica, que na época (século VI) era dominada por diversas tribos, o Islã se tornou não apenas uma religião, mas um sistema de vida, na medida em que, além de estabelecer rituais e normas de conduta individuais e coletivas, também contribuiu para a união e expansão político-religiosa dos povos daquela área. Ainda que iniciado em um período no qual o cristianismo e o judaísmo já eram professados por alguns povos, muitas tribos que habitavam essa região ainda praticavam o politeísmo, e por essa razão tal período ficou conhecido como era da *jahiliyya*, ou “era da ignorância” (Armstrong, 2002; Rippin, Bernheimer, 2005).

Etimologicamente, a palavra “Islã” (ou Islam) tem ligação com a palavra *salam*, que significa paz, enquanto que o termo “muçulmano” significa aquele que se entrega, aquele que se submete ou aquele que entra em estado de paz. A palavra Islã também significa submissão e devoção a um Deus Único, e esta é a forma

mais correta de se referir a esse sistema de crenças, ao contrário do termo “Islamismo”, o qual se refere a uma ideologia política, e não à religião propriamente dita, em sua forma originária (Campo, 2009). De acordo com a sabedoria islâmica, desejos, impulsos e vontades, apesar de fazerem parte da natureza do indivíduo, não devem ser o principal motor da ação humana, mas sim a conexão com Deus e o compromisso com as regras e leis divinas, ainda que isso seja contrário aos anseios do ser humano. Isso explica outra tradução também empregada para o termo Islã, representada pela palavra “entrega”. Entregar-se no sentido de acreditar na veracidade das fontes islâmicas, confiar na sabedoria divina, nas orientações e prescrições religiosas, e segui-las, mesmo que as motivações que embasam tais mandamentos não tenham ainda sido totalmente alcançadas pela compreensão humana ou que, de alguma forma, exijam que o indivíduo abdique de suas próprias vontades e desejos para poder cumpri-las (Gardet, 1978; Nigard, 1996; Ravetz, 1991).

Para os muçulmanos, a sabedoria divina está acima da sabedoria humana em todos os assuntos, e com isso suas ações e condutas são pautadas conforme as regras islâmicas, como se observa em um dos versículos alcorânicos que afirma: “Não é dado ao fiel, nem à fiel, agir conforme seu arbítrio, quando Deus e Seu Mensageiro é que decidem o assunto. Sabei que quem desobedecer a Deus e ao Seu Mensageiro desviar-se-á evidentemente” (33:56). No entanto, isso não é um empecilho para que o indivíduo se esforce em investigar e desvendar o conhecimento e as leis naturais, bem como as razões que estão por trás dos preceitos religiosos, porém ciente de que, quando houver conflito entre a ciência humana e a sabedoria divina, representada pelas normas religiosas, esta última é a que prevalece, uma vez que a criatura nunca alcançará a sabedoria de Quem a criou. Sobre isso o Alcorão menciona que “Ele (Deus) conhece o passado como o futuro, e eles (humanos) nada conhecem da Sua ciência, senão o que Ele permite” (2:255). O Alcorão ainda reforça que “Ele (Deus) possui as chaves do incognoscível, coisa que ninguém, além d’Ele, possui” [...] (6:59).

O Alcorão menciona que “[...] é possível que repudieis algo que seja um bem para vós e, quiçá, gosteis de algo que vos seja prejudicial” [...] (2: 216). Desse modo, entende-se que a limitação da

ciência humana ocorre devido à imperfeição da sua natureza, bem como da sua incapacidade em compreender totalmente as coisas, uma vez que o conhecimento humano nem sempre as alcança em toda a sua completude, o que o torna constantemente sujeito a falhas, erros ou lacunas.

Muhammad e o início do Islã

O profeta Muhammad (erroneamente chamado de Maomé no Ocidente) nasceu no ano de 571 d.C. e, logo em tenra idade tornou-se órfão de pai e mãe, tendo sido criado por seu avô e, posteriormente, por seu tio. Era iletrado, não sabia ler nem escrever, e não era adepto de nenhuma religião, apesar de sua linhagem remontar a Abraão, com descendência da cadeia familiar de Ismael, como se observa na genealogia ilustrada na Figura 1. Casou-se aos 25 anos de idade com uma viúva e comerciante chamada Khadija, que tinha 40 anos de idade na época, união da qual nasceram seis filhos (Aminuddin, 1989; Deeb, 2014). Apesar de popularmente conhecido por “Maomé” no Brasil, o termo não é aceito pela comunidade islâmica, tanto por se tratar de nome próprio ao qual não cabe tradução, mas sobretudo em virtude da raiz etimológica do termo Maomé, que deriva da palavra portuguesa *mafoma*, termo um tanto pejorativo e desrespeitoso que, nas palavras de Silva e Maranhão (2012, n.p.) se traduz por “escultura humana tosca” ou “cara feia”.

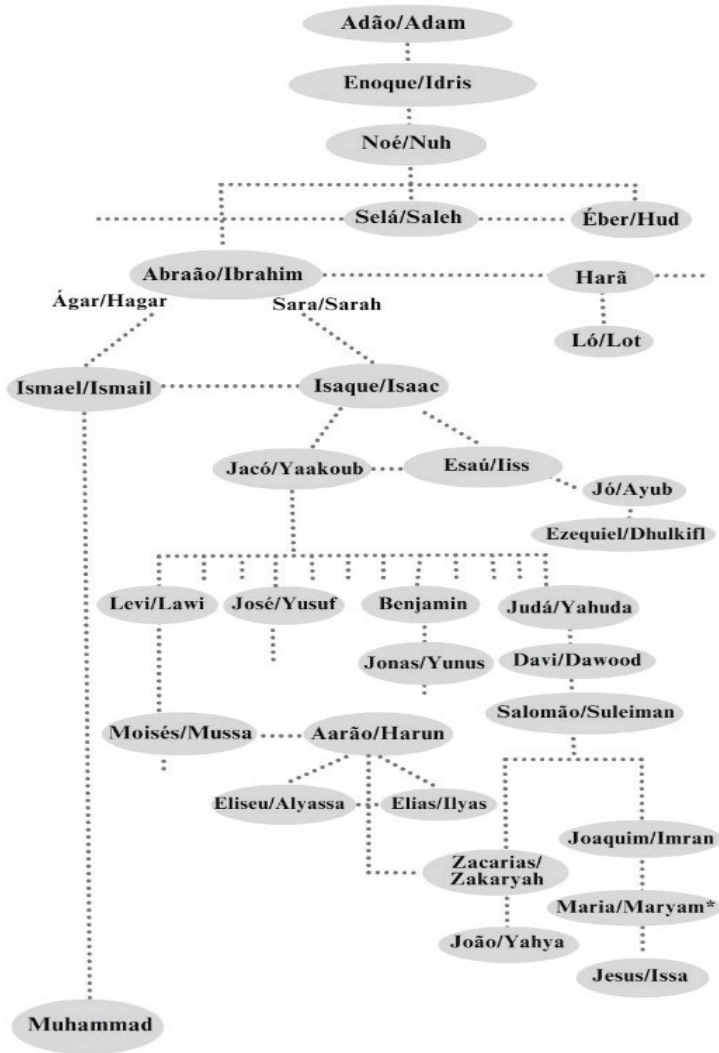
Muhammad é apontado como o “selo dos profetas” pelos muçulmanos, sendo assim considerado o último mensageiro de Deus a realizar a missão profética, dentro das religiões monoteístas (Figura 1). Sobre o seu comportamento, alguns autores sustentam que Muhammad mantinha seu senso de humor e, ao mesmo tempo, apresentava um comportamento bondoso, pregava o respeito e o diálogo pacífico com outras religiões e buscava cultivar um estilo de vida moderado e sem excessos. É descrito como uma pessoa de poucas palavras, porém amável, respeitoso, de fácil relacionamento, acessível, objetivo e eloquente. Evitava discussões em vão, buscando manter os sentimentos sob controle, respeitando a opinião alheia e buscando ouvir seus companheiros para tomar decisões (Deeb, 2014; Mahairi, 1989; Al-Mubarakpuri, 2016).

De acordo com Al-Sheha (2007), além de amável, Muhammad

Alcorão: uma leitura sobre as particularidades do livro sagrado dos muçulmanos, a Sunna, o profeta Muhammad e os pilares fundamentais do Islã

era carinhoso. Nunca insultava outras pessoas. Era agradecido por todas as bênçãos que Deus lhe havia outorgado, por menor que parecessem, não menosprezando nada. O autor enumera mais algumas características atribuídas a ele, tais como: sinceridade, boa moral e ética, companheirismo, altruísmo, amor pela reconciliação, cuidado com as palavras, tolerância, generosidade, cuidado com a aparência, simplicidade, cooperação, honestidade, lealdade, coragem, humildade, hospitalidade, perseverança, perdão, paciência, busca pela justiça, satisfação, altruísmo, firmeza, compaixão e entrega a Deus.

DESCENDÊNCIA PROFÉTICA DE MUHAMMAD



*Obs: Maria, filha de Imran/Joaquim, sobrinha de Zacarias e ascendente direta única de Jesus

Figura 1:

Relação de profetas mencionados no Alcorão e a descendência profética simplificada de Muhammad. Os nomes estão grafados no idioma português e na transliteração em árabe. Adaptado de:

Alcorão: uma leitura sobre as particularidades do livro sagrado dos muçulmanos, a Sunna, o profeta Muhammad e os pilares fundamentais do Islã

Family tree of prophets, Studio Arabia Institute in Egypt.

Para Armstrong (2002), Muhammad foi um pacifista dentro de sua comunidade, seguindo a lógica, inteligência e sensibilidade própria e uma perspectiva mais ampla sobre os acontecimentos da época. Em consequência disso, deixava de retaliar o inimigo ou de seguir planos já determinados, chegando a arriscar perder até mesmo a lealdade de seus companheiros em troca de uma tentativa de reconciliação, negociação e estabelecimento de acordos com aqueles que o desafiavam ou o apontavam como inimigo.

O Alcorão: uma revelação de Deus

O início da missão profética de Muhammad aconteceu tardiamente, aos 40 anos de idade, durante um dos retiros que ele costumava fazer no mês de *Ramadan* do calendário islâmico, em uma caverna de Meca chamada *Hirá*, onde ele recebeu a revelação do primeiro versículo por intermédio do anjo Gabriel. A primeira palavra revelada do Alcorão foi a palavra “*Lê*”, mencionada três vezes pelo anjo Gabriel ao profeta Muhammad. Mesmo sendo iletrado e não sabendo ler nem escrever, lhe foram revelados os primeiros versículos: “*Lê, em nome do teu Senhor Que criou; criou o homem de algo que se agarra (coágulo). Lê, que o teu Senhor é o mais Generoso*” (96:1-3). Segundo Aminudin (1989), isso denota o quanto, no Islã, a ciência e a generosidade são consideradas as bases do progresso espiritual.

Após esse momento inicial, houve interrupção das revelações por cerca de três anos e meio, quando então elas retornaram e se prolongaram por mais 20 anos. Muhammad viveu por 13 anos na cidade de Meca, até que houve a *Hégira*, imigração de Meca para Medina, onde ele viveria por mais 10 anos. Começou convocando para o Islã os parentes e amigos próximos, de forma cautelosa e secreta antes de abrir ao público, tendo em vista que os conteúdos revelados se insurgiam contra os interesses dos povos da região e atraíam atitudes retaliadoras, de perseguição e escárnio, o que tornava suas pregações cada vez mais difíceis e arriscadas (Al-Mubarakpuri, 2016).

O Alcorão é considerado um livro milagroso para os muçulmanos por ser a palavra de Deus revelada por meio do anjo

a um profeta iletrado e com conteúdo não passível de imitação ou criação pelo ser humano, tanto do ponto de vista linguístico quanto do conteúdo e da forma como foi revelado (Rippin, Bernheimer, 2005). Segundo estudiosos e teólogos, a origem divina do Alcorão se fundamenta, historicamente, não só no fato de ter sido revelado a um profeta que não sabia ler nem escrever, como também por seu estilo linguístico, pelos conteúdos abordados, com informações que iam além da sua época e que só foram desveladas pela ciência muitos anos depois. Outra evidência quanto à origem divina e preservação dos conteúdos revelados é confirmada pelo próprio Alcorão ao enunciar: “Nós revelamos a mensagem e somos o seu Preservador” (Alcorão, 15:9). Outro versículo corrobora que: “É impossível que este Alcorão tenha sido elaborado por alguém que não seja Deus. Outrossim, é a confirmação das [revelações] anteriores a ele e a elucidação do Livro indubitável do Senhor do Universo” (10:37).

A palavra *Qur'an*, transliteração em árabe do termo Alcorão, é mencionada nos seus próprios versículos cerca de 70 vezes, tanto pelo nome em árabe que o identifica, como ainda por sinônimos como *Al-furqan*, que significa discernimento, ou *Al-hudá*, cuja tradução é o guia, por ser um guia norteador dos muçulmanos, e ainda pelos nomes *Umm al-kitab*, que se traduz por mãe dos livros, e *Dikr Allah*, que significa recordação de Deus (Iskandar, 2007).

A leitura do Alcorão traz alguns desafios em função da sua retórica, sua eloquência, sua musicalidade e seu estilo linguístico próprio, além da diversidade temática, o que fez com que várias escolas e correntes teóricas sociais, filosóficas, linguísticas, jurisprudenciais e científicas buscassem, em diversas obras, compreender os seus versículos, pelos mais diversos pontos de vista. Tais desafios encontram-se presentes no próprio versículo que menciona que: “Mesmo que os humanos e os gênios se tivessem reunido para produzirem coisa similar a este Alcorão, jamais teriam feito algo semelhante, ainda que se ajudassem mutuamente” (17:88). Em função dessa complexidade, os muçulmanos são orientados a compreenderem os versículos do Alcorão juntamente com os ensinamentos deixados pelo conjunto de tradições e ditos do profeta Muhammad (*Sunna*). A própria complexidade dos

versículos alcorânicos exigem materiais complementares para uma compreensão mais clara e apurada de seu conteúdo, evitando interpretações literais, incorretas e descontextualizadas (Hayek, 2019). Por isso, os ensinamentos proféticos ajudam a entender, de forma mais pormenorizada, os aspectos ligados aos rituais religiosos, à jurisprudência e ao comportamento de modo geral.

O médico e pesquisador francês Bucaille (2012) considera o Alcorão um livro da atualidade e aponta que sua compreensão exige não somente o domínio linguístico, como também conhecimentos científicos em virtude da abundância de assuntos relativos às mais diversas áreas do conhecimento, as quais não seriam passíveis de serem escritas por um homem iletrado em pleno século VI. Ele ressalta ainda que alguns versículos são de fácil compreensão, enquanto que outros requerem um conhecimento prévio ou o recurso a outras fontes explicativas.

Nas palavras de Said (1997, p. 97), “não pode haver Islã sem o Alcorão; inversamente, não pode haver Alcorão sem que os muçulmanos leiam, interpretem e tentem traduzi-lo em instituições e realidades sociais”. É um livro que representa o início do surgimento e a consolidação do Islã como religião, além de ser o ponto de partida que define a identidade islâmica e a fonte primária, tanto do ponto de vista teológico quanto jurisprudencial. Uma identidade ligada não somente à religiosidade e à espiritualidade, mas também a formas de expressão que acabaram se manifestando na caligrafia e nas artes em geral, tanto no próprio Alcorão, como em pinturas, edifícios, mesquitas e objetos culturais diversos.

Essas imagens dão uma ideia da influência da espiritualidade e da religiosidade na vida diária dos muçulmanos, e da presença do Alcorão para além da esfera da vida individual, como um elemento que se inclui nos mais diversos formatos, espaços e atividades dos adeptos do Islã. O Alcorão e seus ensinamentos ultrapassam a dimensão religiosa mais abstrata, sendo incorporados de forma concreta nas mais diversas esferas do mundo islâmico. A partir dessa impregnação maciça ao modo de vida e ao cotidiano da coletividade, é possível ter uma ideia do nível de influência que o Alcorão tem na rotina dos muçulmanos, nas suas formas de pensar e nos seus padrões de comportamento.

A caligrafia árabe, segundo Alashari et al. (2019), é considerada um dos pontos centrais da arte islâmica, e tem sua origem diretamente ligada ao Alcorão, sendo uma maneira dos muçulmanos memorizarem e divulgarem o conhecimento religioso e ornamentarem objetos em ambientes diversos, unindo a espiritualidade à expressão artística humana. É um trabalho que reúne a religião e a língua árabe em forma de arte. O encorajamento dado por Muhammad aos seus seguidores, desde os primórdios do Islã, sobre a importância da leitura e da escrita, junto a conceitos estimulados no Islã ligados ao belo e à busca da excelência, contribuíram ainda mais para essa união, do mesmo modo que ocorreu em outras ciências como a Medicina, a Filosofia, o Direito e também no estudo da alma humana.

O Alcorão, a *Sunna* e a *Sharia*

Existe no Islã um conjunto de leis, ou jurisprudência, que inspira diretamente as ações e comportamentos do muçulmano e, conseqüentemente, têm marcada influência nas suas crenças e nos significados criados por meio desses conteúdos. Esse conjunto de leis islâmicas é a *sharia*, a qual é composta, basicamente, por três elementos: o Alcorão, a *Sunna* e a analogia (Hathout, 2014). A fonte primária de leis é o Alcorão, por sua natureza divina. Ele é formado tanto por princípios imutáveis ligados à crença (*aaqida*) e aos rituais (*ibadat*), quanto por preceitos flexíveis relacionados à esfera dos comportamentos e condutas (*muaamalat*) dos adeptos do Islã. A amplitude de interpretações possíveis desse conjunto de leis e princípios deu origem a várias escolas de pensamento e opiniões jurisprudenciais. O trabalho de exegese se divide em dois formatos: o *tafsir*, que interpreta de forma literal os versículos do Alcorão, e o *tawil*, que defende uma interpretação mais abrangente dos significados das palavras e expressões contidas no texto sagrado. Alguns versículos alcorânicos são de fácil entendimento, enquanto que outros utilizam uma linguagem figurada e, por vezes, hermética, codificada por metáforas que exigem uma interpretação mais profunda (Iskandar, 2007; Hathout, 2014).

A segunda fonte é a chamada *Sunna*, que corresponde às

Alcorão: uma leitura sobre as particularidades do livro sagrado dos muçulmanos, a Sunna, o profeta Muhammad e os pilares fundamentais do Islã

tradições, afirmações e comportamentos de Muhammad que remetem direta ou indiretamente a versículos do Alcorão e que corroboram ou explicam de forma mais pormenorizada certas orientações islâmicas. A maioria dos teólogos afirma que não é possível compreender o Alcorão sem a complementação do trabalho de exegese com os ditos (*hadith*), tradições e práticas transmitidos pelo profeta Muhammad, já que eles involucram informações específicas sobre a rotina da comunidade. Esse conjunto de conteúdos, também denominados de ciências da *sunna*, passou, ao longo de gerações, por um processo criterioso de autenticação acerca de sua veracidade por sábios e teólogos ligados à chamada cadeia de transmissores ou *isna*, cujo objetivo era manter o conteúdo original e evitar distorções, garantindo a integridade da transmissão do texto sagrado tal como foi revelado ao profeta Muhammad (Iskandar, 2007).

Assim como acontece com o Alcorão, existe um processo rigoroso de preservação e conferência da veracidade dos *hadith*, já que, no Islã, proíbe-se a alteração, atualização ou inovação de seus mandamentos ou ensinamentos originais. No entanto, em situações nas quais não haja colisão direta com as regras obrigatórias (*fard*) e com os preceitos considerados explicitamente proibidos pela religião, são permitidas interpretações mais abrangentes e flexíveis. É nesse contexto que se utiliza a terceira fonte da *sharia*, a analogia, a qual é empregada quando algum tema não é especificamente contemplado pelas duas fontes anteriores, e se recorre então à comparação da situação em questão com outras semelhantes. Em função desse complexo conjunto de fontes, as interpretações no Islã não somente configuram um processo rigoroso, como também passível de eventuais interpretações diferentes, a depender do contexto (Hathout, 2014).

Estrutura e conteúdos do Alcorão

O Alcorão é um livro composto por 114 capítulos, denominados *suratas* ou *suras*, termos que designam capítulos nos quais estão dispostos 6.236 versículos ou *ayat*. Todas as *suratas*, à exceção de uma, são precedidas pela chamada *basmala*, que significa: “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso”,

expressão que serve não apenas para iniciar as orações e recitações do Alcorão, como também é utilizada pelos muçulmanos para dar início a seus afazeres rotineiros. A figura de Deus, traduzida em árabe pela palavra Allah, é o eixo central em torno do qual gravita todo o Alcorão. Trata-se do mesmo e único Deus, que enviou a mensagem por meio de outros profetas e mensageiros no passado. São mencionados no Alcorão 25 mensageiros, além do profeta Muhammad, apesar de a tradição islâmica revelar a existência de um número muito maior ao longo da história (Hathout, 2014).

Os muçulmanos acreditam que o Alcorão não contradiz as revelações de religiões monoteístas anteriores, como o judaísmo e o cristianismo, mas que consiste apenas em uma corroboração das mensagens anteriores e uma retificação de conteúdos que foram perdidos ou distorcidos ao longo da história (Omais, Santos, 2024; Unal, 2015). Vários mensageiros de religiões abraâmicas são nomeados reiteradamente no Alcorão, sendo os mais mencionados: Adão, Abraão, Noé, Ló, Moisés, Jesus e Muhammad. Segundo o Alcorão, não existem distinções entre os profetas e mensageiros, e esse é um dos pontos obrigatórios da crença islâmica. Jesus é narrado no Islã como um mensageiro de Deus, ao qual foi concedido o poder de realizar milagres já desde a mais tenra idade. No Alcorão narra-se a forma milagrosa do seu nascimento por meio de sua mãe, virgem Maria, a quem inclusive foi dedicada uma surata, especificamente com seu nome. Trata-se da única surata do Alcorão cunhada com o nome de uma mulher, em respeito à sua pessoa (Rippin, Bernheimer, 2005).

Segundo Aminudin (1989), o conhecimento, a ciência e a consciência de si próprio, assim como do Universo, são os atributos que distinguem o ser humano de outras criaturas. Assim, além dos episódios históricos e das narrativas sobre povos antepassados, o Alcorão constantemente enfatiza aspectos relacionados à ciência por meio de conteúdos que estimulam a observação de fenômenos naturais, tanto na esfera humana como na natureza. O incentivo ao conhecimento mostra-se de várias formas, seja nos versículos alcorânicos ou nos ditos do profeta Muhammad, como aquele que diz que “buscar o conhecimento é obrigação de todo muçulmano” (sunnah.com, s.p.).

Alcorão: uma leitura sobre as particularidades do livro sagrado dos muçulmanos, a Sunna, o profeta Muhammad e os pilares fundamentais do Islã

Iskandar (2007, p. 113), revela que o Alcorão é um livro de “orientação para a vida”:

O Corão contém preceitos de crença e de conduta, diretrizes morais, prescrições legais, exortações e admoestações, condenação e censura aos pecadores, advertências sobre a Verdade, palavras de consolo aos que sofreram perseguições por sua fé em Deus, argumentos e evidências que corroboram a sua mensagem básica, alusões aos sinais de Deus no universo, relatos sucintos de fatos passados.

É preciso esclarecer que o Alcorão não é nem nunca foi um livro voltado somente para os muçulmanos. Pelo contrário, seu conteúdo reforça, em diversas passagens, que é uma mensagem destinada à humanidade. É uma fonte de orientação que exerce um papel preponderante nas ações e comportamentos dos muçulmanos, tanto a nível individual como coletivo, abrangendo também as instituições e organizações (Iskandar, 2007).

A fé e a espiritualidade islâmica

Abdalati (2008) argumenta que a espiritualidade no Islã não se aplica somente à doutrina ou aos rituais, já que, na concepção religiosa, o ser humano é composto por duas naturezas complementares, que se interrelacionam: (1) a natureza interior, voltada para o cuidado com o espírito ou alma (*ruh*) e a dimensão intelectual, do raciocínio (*aql*); e (2) a natureza exterior, ligada aos aspectos da vida cotidiana. Na esfera espiritual busca-se, primeiramente, a sedimentação da crença propriamente dita, consolidando os chamados “pilares da fé” compostos por seis elementos: a crença em Deus, a crença nos profetas e mensageiros, a crença nos anjos, a crença nas escrituras sagradas reveladas anteriormente às outras religiões monoteístas, a crença na ressurreição e no dia do Juízo Final, e a crença no livre-arbítrio, mas também na predestinação determinada por Deus – aquilo que é designado como *qadar*. Este é o ponto de partida e a base primeira para que todos os outros pilares estejam alinhados e em harmonia.

Há no Alcorão uma forte ênfase em relação à vida após a morte, considerada a vida eterna. Isso serve de alerta para o controle dos prazeres, uma vez que se enfatiza sua transitoriedade

na vida terrena. A vida mundana no Islã é vista como um teste, já que a mera crença ou fé interior precisa vir acompanhada também de ações e condutas alinhadas a ela. Tabbarah (2001) afirma que a crença em outra vida é uma forma de consolar e confortar as pessoas que passam por adversidades ou que sofrem injustiças, com vistas a fortalecer espiritualmente o muçulmano, de modo que possa lidar melhor com as decepções, reveses e fracassos que porventura venham lhe acontecer. No entanto, tanto o Alcorão como a *Sunna* desencorajam os comportamentos extremos, ou seja, nem incentivam o apego exclusivo às obrigações religiosas a ponto de o indivíduo abandonar outras esferas da vida, nem estimulam o apego excessivo aos aspectos mundanos, a ponto de ele negligenciar e deixar de lado sua relação com Deus (Sultan, 2007).

Ainda no âmbito espiritual, existem os chamados pilares do Islã, que são os ritos e práticas propriamente ditas aos quais os adeptos devem aderir. O primeiro pilar começa com a exteriorização da fé (*shahada*). O testemunho de fé é a porta de entrada para o Islã, quando o indivíduo aceita seguir seus mandamentos e pronuncia verbalmente: “Testemunho que não há divindade além de Deus e que Muhammad é o mensageiro de Deus”. Em seguida, o segundo pilar são as cinco orações diárias (*salat*), o terceiro é o jejum do mês de Ramadan (*siyam*), o quarto é a caridade em relação aos mais necessitados (*zakat*) e o quinto é a peregrinação a Meca (*hajj*). Para Sultan (2007), os rituais e práticas estimulam a disciplina e são formas de purificar a alma do fiel, levando paz, tranquilidade e calma ao coração.

Os aspectos intelectuais, representados pela capacidade de raciocínio, busca da verdade e de argumentos que façam o indivíduo solidificar sua fé, são elementos de suma importância. Isso explica porque o conhecimento e a espiritualidade são conceitos indissociáveis para os muçulmanos (Sultan, 2007). A fé no Deus único é o pilar que fundamenta toda a doutrina islâmica. A fé deve ser espontânea e genuína, não pode ser cega nem imitada ou imposta. O próprio Alcorão desafia o indivíduo a recorrer a todo e qualquer método de conhecimento, seja racional ou experimental, para que não parem dúvidas sobre a consistência de sua fé,

deixando clara “a sua alta consideração e confiança nas capacidades intelectuais do homem” (Abdalati, 2008, p. 138). O conhecimento, bem como a autorreflexão, são considerados formas de devoção, tendo em vista a insistência pela busca do saber nas mais diversas fontes que a natureza proporciona (Omais, Santos, 2022b).

Atitudes, comportamentos e aspectos éticos, morais e sociais – *adab* e *akhlaq*

Por ser tão diverso em seus conteúdos e pela forte influência que exerce nas condutas e no estilo de vida dos muçulmanos, o Alcorão incentiva atitudes e comportamentos que podem contribuir para o bem-estar de seus seguidores (Sultan, 2007). A felicidade, que pode ser encontrada tanto na vida terrena quanto após a morte, relaciona-se ao nível de educação e refinamento da alma que um muçulmano cultua durante toda a vida (Omais, Santos, 2022a). Esse resultado, segundo Al-Jazaeri (2004), é fruto do esforço do indivíduo na relação que estabelece consigo próprio, uma luta interna que envolve desde a autoconsciência até a reflexão sobre o significado de suas ações e o cuidado com o uso das palavras, comportamentos e crenças negativas. Segundo Abdalati (2008), os princípios morais do Islã se baseiam em obrigações positivas, as quais são estimuladas, e obrigações negativas, as quais são desencorajadas ou, por vezes, proibidas. A obrigação moral do muçulmano, segundo o autor, é buscar o conhecimento e a virtude por todos os meios possíveis, corrigindo seus erros, buscando o arrependimento e o perdão, desenvolvendo um senso de consciência, pertencimento e solicitude social.

No Alcorão encontramos uma dicotomia em relação aos tipos de comportamentos, mais especificamente, entre aquilo que é permitido (*halal*) e o que é proibido (*haram*). Estes constituem a base que define os limites do comportamento moral e ético dos muçulmanos e diferencia o sagrado e o profano. É uma orientação de Deus sobre o que é benéfico ou maléfico ao ser humano, bem como uma forma de recompensar o indivíduo por seus atos, assumidos tanto na existência mundana como na vida após a morte. Essas duas categorias, representadas pelo *halal* ou *haram*, servem tanto como base da jurisprudência islâmica, das leis que regulam as condutas,

como simplesmente para guiar o muçulmano para aquilo que possa ser bom ou ruim, tanto individualmente como para a comunidade e a sociedade em geral (Rippin, Bernheimer, 2005).

Diversos aspectos morais e éticos interligam-se também à concepção da vida após a morte, uma crença cujo intuito é refrear comportamentos socialmente negativos. A justiça é um desses aspectos. Na visão de Iskandar (2007, p. 126), “um muçulmano que crê na ressurreição não pode cometer injustiças para com os seus semelhantes”. Assim, a expectativa de um dia haver um sistema mais “justo” do que a justiça humana acaba sendo, na visão islâmica, uma forma de estimular o comportamento ético e moral. O desenvolvimento do caráter é algo muito enraizado nos ensinamentos islâmicos, e é ele que direciona para as virtudes humanas, tais como a justiça, modéstia, gentileza, temperança, paciência, resiliência, generosidade, solidariedade, cordialidade, sabedoria, coragem, entre outras. Aqueles que não buscam essa evolução espiritual e moral por meio do conhecimento deixam de cultivar os bons elementos do caráter, e ficam suscetíveis a comportamentos negativos tais como: impaciência, inveja, crueldade, desonestidade, entre outros (Omais, Tarif, Santos, 2023). A busca do aprimoramento do caráter também é enfatizada por várias vezes na *Sunna*, mediante narrações como a que revela que, ao ser questionado sobre a melhor ação que uma pessoa poderia ter, o profeta Muhammad respondeu: “O temor a Deus e a nobreza do caráter” (Al-Jazaeri, 2004, p. 218). Narrativas semelhantes também corroboram a ênfase dada a esse aspecto, como o dito profético que diz: “Nada é colocado na balança que seja mais pesado do que o bom caráter. De fato, a pessoa com bom caráter terá alcançado a posição daquele que pratica o jejum e a oração” (sunnah.com, s.d.).

Para Tabarah (2001), o bem-estar, tanto individual como social, depende diretamente da moral, que por sua vez favorece o desenvolvimento e a purificação espiritual. Segundo o autor, existe uma forte ênfase, nos versículos alcorânicos, especificamente na paciência, que é mencionada cerca de 70 vezes no Alcorão. Segundo o autor, a paciência é uma habilidade que conforta, acalma as dores do ser humano e fortalece a sensação de confiança, e é por meio dessa virtude que o indivíduo se torna mais resiliente diante

dos fracassos e desafios da vida. A paciência também é a base de onde se originam diversas virtudes que conduzem o ser humano ao bem-estar, tais como a prudência, coragem e perseverança, entre outras. Os versículos alcorânicos também mencionam outras virtudes relevantes, tais como: perdão, gratidão, honestidade, cooperação, altruísmo, amabilidade e comportamento pacífico, gentil e respeitoso entre os pares. Essas virtudes favorecem uma convivência harmoniosa na sociedade.

Ao mesmo tempo que estabelece orientações religiosas que buscam a purificação espiritual do indivíduo, o Alcorão e a *Sunna* também enfatizam os direitos sociais, que precisam ser preservados para o bom funcionamento da sociedade (Sultan, 2007). Abdelati (2008) afirma que o Islã condena a luta de classes ou qualquer tipo de superioridade ou dominação de uns sobre os outros por razões econômicas ou étnico-raciais. A família e o matrimônio são consideradas dimensões centrais no Islã, assim como as relações do indivíduo com a sociedade. A ideia de cooperação, a necessidade de colaboração e responsabilidade social se materializam por meio de comportamentos que estimulam o exercício da bondade e da compaixão, o respeito à vida, à propriedade e à honra, o bom tratamento dispensado aos jovens, idosos, vizinhos, órfãos e viajantes, a atenção aos mais necessitados e às vítimas de injustiças, além de outras condutas ligadas à moral e à ética, que se expressam na gentileza, cordialidade e respeito mútuo. Busca-se valorizar a adoção de um papel ativo do muçulmano na sociedade, desencorajando atitudes como a indiferença, a passividade e o egoísmo.

Armstrong (2002) também reforça esse aspecto ao lembrar que existe um ideal equitativo no Islã, que busca igualar as pessoas no mesmo nível político e social. O senso de comunidade que existe no Islã também é muito forte, e isso se deve à ênfase presente tanto no Alcorão como na *Sunna*. A despeito das discordâncias e cisões que existem entre os muçulmanos, a busca de união da chamada *Ummah* (comunidade) “é essencial e de importância quase sacramental na vida religiosa pessoal de cada muçulmano” (Armstrong, 2002, p. 296). A autora explica que isso se acentuou ainda mais ao longo do tempo, em função das atitudes de humilhação, desprezo, julgamento

moral e preconceitos disseminados no Ocidente em relação a aspectos da fé ou da doutrina islâmica, que acabaram por afetar a *psique* dos muçulmanos, fazendo com que muitos se voltassem contra a cultura ocidental em reação a fatos experienciados e acontecimentos históricos que ainda persistem na vida contemporânea.

A preservação dos sentidos originários do Alcorão

A preocupação com a autenticidade e a forma vigorosa como ocorreu a preservação do Alcorão ao longo dos séculos, no intuito de preservar os fundamentos doutrinários e coibir distorções e desvios do texto original, é considerado um cuidado primordial no Islã. É importante destacar que há mais de 1.400 anos, quando o Islã foi revelado, o conhecimento humano era transmitido por via oral, por meio da memorização ou de registros escritos em pergaminhos, ossos de camelo, tábuas de madeira, pedaços de couro, telas de seda e papéis oriundos da Índia (Iskandar, 2007). Utilizou-se, na época, um duplo método de conservação, que consistia tanto na memorização completa do seu conteúdo pelos primeiros seguidores (os chamados memorizadores, *Huffaz*, que eram supervisionados por Muhammad), como também por meio de transcrições realizadas por escribas em registros escritos.

É importante destacar que as técnicas de memorização, nos tempos antigos, eram práticas largamente utilizadas com o propósito de armazenar, conservar e replicar o conhecimento. Atualmente, esse recurso não é tão comum, porém, em países islâmicos, a memorização do Alcorão ainda é uma prática religiosa bastante encorajada dentro da comunidade. Estima-se que, logo após a morte do profeta Muhammad, havia cerca de 700 memorizadores do Alcorão. Contudo, em razão das perdas humanas nas guerras, foi organizada uma missão encabeçada por Abu Bakr, um dos sucessores e companheiros do profeta, reunindo diversos memorizadores do Alcorão e escribas da época, para que os registros fossem sistematizados. O material foi então reunido em uma espécie de encadernação, designada como *Musshaf*, a qual foi conservada por ele e seu sucessor Omar Ibn Al-Khattab e, posteriormente, por aqueles que sucederam o califado (Hayek, 2019; Unal, 2015).

Alcorão: uma leitura sobre as particularidades do livro sagrado dos muçulmanos, a Sunna, o profeta Muhammad e os pilares fundamentais do Islã

Várias cópias dos *Musshaf* eram enviadas para os diversos impérios e províncias do mundo islâmico. Otman, um dos califas sucessores, manteve um processo rígido de conferência da autenticidade de cada versículo presente nas cópias, sendo que aquelas que apresentassem divergências em relação à versão original eram imediatamente destruídas para que não houvesse qualquer desvio do texto sagrado (Ad-Dausaree, 2006; Bucaille, 2012, Hayek, 2019). Hoje, versões antigas do Alcorão, datadas da época dos califados, encontram-se conservadas em museus e já foram comparadas com as versões atuais para se comprovar a autenticidade de seu conteúdo. Nos dias atuais, comitês formados por teólogos e pesquisadores ainda se esforçam em manter a originalidade do texto sagrado, tanto nas versões em língua árabe como nas versões traduzidas, as quais também passam por um rigoroso processo de validação, com o intuito de verificar a fidedignidade do material frente à versão original.

Tradução do Alcorão do árabe para outros idiomas

Órgãos oficiais do governo da Arábia Saudita contabilizam 74 versões traduzidas e autorizadas do Alcorão (Translations of the meanings of the Quran, 2023), apesar de se acreditar na existência de um número muito maior de traduções que circulam ao redor do mundo. Além disso, dentro de cada idioma, existem versões traduzidas por diferentes tradutores. Apenas em inglês existem mais de 30 versões traduzidas.

A tradução de qualquer obra ou texto é um desafio que certamente ultrapassa a dimensão linguística, que já é por si só um obstáculo, pela dificuldade de se encontrarem palavras que correspondam fielmente ao texto original. O trabalho de tradução também requer profundo conhecimento de aspectos culturais, históricos, sociais e teológicos, além dos linguísticos e de retórica. Com o Alcorão, esse desafio não é diferente. Existe uma dificuldade natural de se traduzir fielmente os significados de palavras e orações do idioma árabe para outras línguas. O processo de tradução tem sido objeto de intensa discussão tanto nos meios religiosos como no âmbito acadêmico. Isso se deve não somente aos desafios

inerentes ao idioma árabe, como também ao fato de se tratar de uma fonte religiosa sagrada, considerada uma revelação divina pelos muçulmanos. Essa é a razão que justifica o estabelecimento de critérios rigorosos para a preservação de seus conteúdos, a fim de se evitar a perda ou desvio dos ensinamentos originais.

A soma desse legado doutrinário torna ainda mais complexo o processo de tradução, o que leva muitos tradutores a fazerem uma série de edições e revisões ao longo dos anos, buscando preencher as lacunas com as correções necessárias. A responsabilidade do tradutor, no que diz respeito ao Alcorão, é comparada por alguns à de um exegeta. Por isso existem regras estabelecidas no processo de tradução, como ter domínio das ciências alcorânicas e da exegese, saber utilizar da *Sunna* (ditos e costumes do profeta) para a explicação de certos versículos, usar as explicações dadas por seus companheiros na época, manter a fidelidade à crença e ter *expertise* no uso da língua árabe como fonte de interpretação dos significados originais das palavras e expressões.

O fato de o texto original do Alcorão ter sido revelado na língua árabe torna ainda mais difícil a transposição para outros idiomas, em razão da complexidade do seu estilo linguístico, da eloquência retórica, dos significados e particularidades próprias da língua original, que desafiam o entendimento (Hayek, 2019). Por essa razão, alguns estudiosos chegam a dizer que o Alcorão é um livro “intraduzível” (Al-Jabari, 2008) e, em virtude da limitação em reproduzir fielmente a retórica, o conteúdo e o estilo linguístico, na íntegra, em outros idiomas, os tradutores enfatizam que o foco da tradução se restringe a explicar os significados dos versículos alcorânicos, termo empregado no título das obras traduzidas (Hayek, 2019). Uma pesquisa realizada na Inglaterra por Al-Jabari (2008) entrevistou 42 acadêmicos e profissionais liberais graduados, buscando detectar o nível de compreensão de uma pessoa não pertencente à comunidade árabe e muçulmana ao ler a tradução do Alcorão. O estudo concluiu que, apesar do bom nível educacional dos participantes, e de terem sido utilizadas três versões diferentes de tradução, menos de 5% da amostra foram capazes de compreender apropriadamente o significado dos versículos. Assim, 95,24% apresentaram dificuldades em entender o sentido ou fizeram

uma interpretação errônea. Essa dificuldade é atribuída a diversos fatores, tais como o estilo, ortografia, pontuação, uso de palavras rebuscadas e diferenças culturais que dificultam a compreensão do contexto. Al-Jabari afirma que a compreensão do Alcorão exige a inteligência tanto do sentido das palavras, como dos sentimentos e ideias expressas nos textos. Em razão disso, a tradução literal não é adequada, devendo-se priorizar uma transposição que busque palavras próximas ao significado original, privilegiando-se uma linguagem moderna e acessível (Al-Jabari, 2008).

O árabe é considerado um idioma altamente gramatical e uma língua muito rica no que se refere à conjugação e derivação das palavras.

A língua de uma nação é um espelho do caráter da nação, moldada pela sua cultura, história, religião e até mesmo a terra onde seus habitantes vivem. É quase impossível que qualquer palavra usada em uma língua tenha um equivalente exato em outro idioma, uma vez que a palavra assume diferentes conotações e associações particulares ao ser usada por cada pessoa e adquire impressões diferentes para cada um (Unal, 2015, p. XXV).

O autor aponta que o próprio Alcorão atesta a sua originalidade na língua árabe, quando menciona que *“Nós o enviamos como um Alcorão em árabe para que possais refletir (seus significados e termos) e raciocineis”* (12:2). Diversos estudos preconizam que, mesmo que haja uma precisão linguística do tradutor, é necessário ter um conhecimento profundo da cultura árabe para se conseguir maior precisão do trabalho de tradução do Alcorão, de modo que se assegure a familiaridade com expressões típicas, provérbios, jargões regionais e, sobretudo, com o contexto sociocultural e histórico (Sadiq, 2008).

É interessante registrar algumas curiosidades sobre o idioma árabe. É uma língua semítica cuja origem remonta a mais de 1500 anos e que é falada, atualmente, por mais de 300 milhões de pessoas em 22 países, sendo o sexto idioma mais falado no mundo. Possui um vocabulário diversificado até mesmo para palavras consideradas comuns, tais como, por exemplo, a palavra “amor”,

com 11 diferentes termos, ou a palavra “camelo”, que conta com 100 termos diferentes. Possui diversos dialetos e é um idioma que já influenciou diversas outras línguas com suas palavras e herança cultural, inclusive a língua portuguesa. O idioma árabe possui ainda uma característica própria, que é o formato geométrico de sua escrita, o que torna possível que sua caligrafia seja utilizada de forma artística também para diversos trabalhos culturais (Sayed, 2015).

O Alcorão é um livro que tem uma forma discursiva própria, com uso de metáforas, paráfrases e, em certos trechos, um estilo poético, o que dificulta a reprodução dos conteúdos em outras línguas, uma vez que nem sempre é possível manter a mesma linguagem e musicalidade do original. Isso faz com que vertê-lo para outros idiomas se torne um trabalho exaustivo para os estudiosos de linguística, que precisam recorrer a vários dicionários de tradução do árabe para outras línguas para conseguir encontrar o significado mais preciso das palavras, e ainda fazer uso de comentários do Alcorão como material de apoio para se chegar a uma tradução mais precisa e fidedigna em outros idiomas (Eldin, 2014).

Alhaj et al. (2019) argumentam que muitas expressões alcorânicas podem apresentar mais de um significado em razão das formas figurativas de linguagem, e que, por esse motivo, uma diferença sutil de um sinônimo para outro utilizado na tradução, pode ser fundamental para aproximar ou distanciar ainda mais a palavra do significado do termo original. Por essa razão, os autores reforçam que “pode não ser suficiente ler apenas uma versão traduzida do Alcorão Sagrado para aqueles que não conhecem o idioma original” (Alhaj et al., 2019, p. 112). A forma considerada mais segura para o processo de tradução é a formação de um comitê de especialistas composto por teólogos, tradutores fluentes no idioma original e no idioma da tradução, e pessoas nativas de cada idioma (Al-Jabari, 2008).

Assim, uma boa tradução exige que sejam preenchidos alguns critérios técnicos, como a fluência do tradutor no idioma árabe e

Alcorão: uma leitura sobre as particularidades do livro sagrado dos muçulmanos, a Sunna, o profeta Muhammad e os pilares fundamentais do Islã

na língua de destino, um bom conhecimento de teologia, exegese e ciências alcorânicas – já que se trata de um livro religioso, o conhecimento do contexto sociocultural e histórico, experiências prévias com traduções no idioma, uso de notas explicativas para esclarecer eventuais ambiguidades ou sutilezas gramaticais, além do uso de transliterações. A transliteração deve ser utilizada somente nos casos em que não existe uma tradução que corresponda aos termos originais, já que palavras transliteradas podem dificultar a compreensão do leitor (Alhaj et al., 2019; Al-Jabari, 2008). Infelizmente, traduções realizadas por pessoas que não possuem as competências técnicas desejáveis, ou que tenham viés sectário em relação ao Islã, podem comprometer o sentido original do texto, crivando o Alcorão com interpretações errôneas e distorcidas no outro idioma.

Considerações finais

A doutrina islâmica apresenta-se como uma religião holística, que abrange preceitos relativos tanto às crenças e práticas espirituais, como diretrizes e orientações de vida que norteiam as condutas dos muçulmanos, seja no nível individual ou social. Há uma união de conteúdos espirituais e seculares nos conteúdos do Alcorão e da *Sunna*, uma vez que, além das obrigações religiosas, tem-se um código de conduta que orienta os adeptos da religião islâmica sobre assuntos das mais diversas esferas da vida e que mobilizam diferentes áreas do saber.

De modo geral, o conhecimento que se tem do Islã no Ocidente ainda se encontra aquém da complexidade e diversidade de assuntos contemplados por suas fontes, o que faz com que persista um déficit de informações fidedignas sobre seus aspectos multifacetados. Leituras do Alcorão exigem uma interpretação cuidadosa e apropriada em razão da complexidade do texto religioso, dos diversos contextos envolvidos e dos desafios e limitações da tradução, que nem sempre consegue transmitir com precisão o sentido das palavras e as sentenças do idioma original. Leituras literais realizadas sem o apoio de fontes confiáveis podem

dar margem a interpretações equivocadas.

Espera-se que este estudo inspire outras pesquisas sobre o tema, amparadas em fontes de qualidade e percurso metodológico consistente, para que novos conhecimentos sejam produzidos e disseminados, no intuito de que facetas ainda pouco conhecidas possam vir à tona. Os estudos futuros devem se empenhar não somente em ampliar o repertório científico da área, como também em combater a disseminação de informações parciais ou distorcidas sobre a doutrina islâmica e os muçulmanos, em testemunhos que afirmem cada vez mais sua humanidade.

Referências

- ABDALATI, Hammudah. *O Islã em foco*. São Bernardo do Campo: Ed. Makkah, 2008.
- AD-DAUSAREE, Mahmood Bin Ahmad Bin Saaleh. *The magnificence of the Quran*. London: Darussalam, 2006.
- ALASHARI, Dua Mohammed; HAMZAH, Abd Rahman; MARNI, Nurazmallail. Islamic art and language as a source of inspiration leading to traditional arabic calligraphy art. *International Journal of Islamic and Civilizational Studies*, v. 6, n. 3, p. 33-45, 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/287743896.pdf>. Acesso em 3 jul. 2021.
- ALCORÃO SAGRADO. Português. Os significados dos versículos do Alcorão Sagrado com comentários. Tradução de Samir el Hayek. 16. ed. São Paulo: Marsan Editora Jornalística, 2019.
- ALHAJ, A. A. M.; ALWADAI, M. A. M.; ABDULKAREEM, Majda Babiker Ahmed. Constraints of rendering some selected quranic verses (Āyahs) into English: a sociorhetorical interpretation. *International Journal of Linguistics, Literature and Translation*, v. 2, n. 5, p. 102-117, 2019. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3711823. Acesso em: 12 dez. 2022.
- AL-JABARI, A. *Reasons for the possible incomprehensibility of some verses of three translations of the meaning of the Holy Quran into English*. PhD Thesis. University of Salford, Salford, Reino Unido, 2008. Disponível em: <http://usir.salford.ac.uk/id/eprint/14918/1/494753.pdf>. Acesso em 2 de jul. de 2022.
- AL-JAZAERI, Abu Bakr. *The path of the muslim*. Beirut: Al Biruni, 2004.
- AL-MUBARAKPURI, Saifur-Rahman. *O néctar selado: biografia do nobre profeta*. Tradução de Samir El-Khayek. São Paulo: Pimenta & Cia, 2016.
- AL-SHEHA, Abdurrahman. *Muhammad: o mensageiro de Deus*. Tradução de Muhammad Isa García. London: Islamhouse, 2007.
- AMINUDDIN, Mohamad. *Mohammad: o mensageiro de Deus*. São Bernardo do

Alcorão: uma leitura sobre as particularidades do livro sagrado dos muçulmanos, a Sunna, o profeta Muhammad e os pilares fundamentais do Islã

Campo: Centro de Divulgação do Islã para a América Latina, 1989.

ARMSTRONG, Karen. *Maomé: uma biografia do profeta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BUCAILLE, Maurice. *A Bíblia, o Alcorão e a ciência*. São Bernardo do Campo: Ed. Makkah, 2012.

CAMPO, Juan Eduardo. *Encyclopedia of Islam*. New York: Facts on File, 2009.

DEEB, Husam. *O profeta do Islã Muhammad*. Tradução de Ahmad O. Mazloum. São Paulo: Aquarius, 2014.

ELDIN, Ahmad Abdel Tawwab Sharaf. Cognitive metaphorical analysis of selected verses in the Holy Quran. *International Journal of English Linguistics*, v. 4, n. 6, p. 16-21, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.7575/aiac.ijalel.v.4n.2p.193>. Acesso em: 21 jan. 2023.

FAMILY TREE OF PROPHETS. Studio Arabiya in Egypt. (s.d.) Disponível em: <https://www.studioarabiyainegypt.com/family-tree-of-prophets/>. Acesso em 14 set. 2024.

GARDET, Louis. Islam. Definition and theories of meaning. In E. van Donzel, B. Lewis, and Ch. Pellat (eds.), *Encyclopaedia of Islam*, Volume IV, 1978. Leiden: E. J. Brill.

HATHOUT, Hassan. *Viagem pela mente de um muçulmano*. Tradução de Victoria P. Camisón. Chicago: American Trust Publications, 2014.

HAYEK, Samir. Comentários. In: *Os significados dos versículos do Alcorão*. São Paulo: Marsam

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. Al-Qur'an: o Corão, o livro divino dos muçulmanos. In PEREIRA, R. H. S. (Org.), *O Islã clássico*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MAHAIRI, Ahmad. *Biografia do profeta Mohammad*. São Bernardo do Campo: Centro de Divulgação do Islam para a América Latina, 1989.

MUSLIM POPULATION BY COUNTRY. World Population Review. Disponível em: <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/muslim-population-by-country>. Acesso em: 18 abr. 2023.

NYGARD, Mark. The Muslim concept of surrender to God. *Word and World*, v. 16, n. p. 158-168, 1996. Disponível em: https://ijfm.org/PDFs_IJFM/13_3_PDFs/05_Nygaard.pdf. Acesso em 25 set. 2023.

OMAS, Sálua; DOS SANTOS, Manoel Antônio. Psicologia islâmica: Uma visão panorâmica sobre modelos e concepções teóricas da psiquê humana. *Rever: Revista de Estudos de Religião*, v. 22, n. 2, pp. 139-154, 2022b. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2021vol22i2a11>

OMAS, Sálua, DOS SANTOS, Manoel Antônio. Raízes da islamofobia e da arabofobia: Uma interlocução socioteológica com as representações bíblicas de Abraão, Ágar e Ismael e suas repercussões na sociedade. *Reflexão*, v. 49, e10493, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2447-6803v49a2024e10493>. Acesso

em 14 set. 2024.

OMAIS, Sálua; DOS SANTOS, Manoel Antônio (2022a). Happiness in Islam: The role of religion and spirituality in Muslims' well-being. In: Shariff, N. N. M., Yakob, M. A., Hamidi, Z. S., Aghwan, Z. A. A., Lateh, N. (Eds.). *Selected proceedings from the 1st International Conference on Contemporary Islamic Studies (ICIS 2021)*, pp. 207-215, 2022a. Springer, Singapore. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-981-19-2390-6_19

OMAIS, Sálua, TARIF, Eman, DOS SANTOS, Manoel Antônio. Ethics, morals, virtues and character strengths: a comparison between Islamic Psychology and Positive Psychology. In C. Y. Al-Karam (ed.), *The way of love*, pp. 129-152, Al Karam Press, 2023.

RAVETZ, J. R. Prospects for an Islamic science. *Futures*, v. 23, n. 3, p. 262-272, 1991. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0016-3287\(91\)90140-W](https://doi.org/10.1016/0016-3287(91)90140-W). Acesso em 25 set. 2023.

RIPPIN, Andrew L., BERNHEIMER, Teresa. *Muslims: their religious beliefs and practices*. London: Routledge, 2005.

SADIQ, Saudi. Some semantic, stylistic and cultural problems of translation with special reference to translating the glorious Qur'ân. *Sayab Translation Journal*, v. 1, p. 37-59, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/353549/Some_Semantic_Stylistic_and_Cultural_Problems_of_Translation_with_Special_Reference_to_Translating_the_Glorious_Qur%C3%A2n?auto=download. Acesso em 23 jan. 2023.

SAID, Eduard W. *Covering Islam*. New York: Vintage, 1997.

SAID, Eduard W. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SAYED, Faraan. *A few surprising facts about the arabic language*. British Council, 2015. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org/voices-magazine/surprising-facts-about-arabic-language>. Acesso em 25 jan. 2023.

SULTAN, Sohaib N. *The Quran and sayings of prophet Muhammad*. Nashville: Sky Light Paths Publishing, 2007.

SUNNAH.COM. *Sunnah.com - Sayings and teachings of prophet Muhammad* (ملس و هيلع لىلص), s. d. Disponível em: <https://sunnah.com/bukhari:6114>. Acesso em 14 set. 2024.

TABBARAH, Afif A. *The spirit of Islam: doctrine and teachings*. Beirute: Dar el-Ilm Lil-Malayin, 2001.

TRANSLATIONS of the meanings of the Qur'an. Qurancomplex.gov. Disponível em: <https://qurancomplex.gov.sa/en/kfgqpc-quran-translate/>. Acesso em 25 jan. 2023.

UNAL, Ali. Comentários. In: *Alcorão Sagrado: com interpretação anotada e comentários de Ali Unal*. New Jersey: Tughra Books, 2015.